

RESENHA DE O LANÇO, O TERÇO E OS QUINHÕES, DE EVANDRO CARDOSO DO NASCIMENTO

KETHELEEN VIEIRA

RESENHA: NASCIMENTO, E. C. O LANÇO, O TERÇO E OS QUINHÕES: RECIPROCIDADE E TROCA NA PESCA COLETIVA DA TAINHA NA ILHA DO MEL. CURITIBA-PR: EDITORA UFPR, 2019.

Envolvidas em uma rede de muitas malhas, as relações de mercado, na sociedade contemporânea, possuem particularidades complexas para se analisar. Afinal, quais são os mecanismos que gerenciam sua reprodução, a ponto de influenciar o homem a se comportar conforme a lógica mercantil? *O lanço, o terço e os quinhões* nos oferece um caso original de manutenção das relações socioeconômicas pelo princípio de troca e reciprocidade. Escrita pelo historiador e escritor Evandro Cardoso do Nascimento, doutor em meio ambiente e desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná, essa obra foi publicada em 2019, a partir da tese de seu doutoramento naquela instituição.

A partir de um resgate histórico sobre as relações mercantis que estão submersas em nossa sociedade, o autor nos convida a analisar o papel da troca e da reciprocidade em uma economia de ordem capitalista e, em simultâneo, em comunidades ditas tradicionais. A ênfase principal do autor se assenta sobre como essas práticas mobilizam relações sociais distintas, perante as formas tradicionais de mercado.

Inicialmente, Evandro Nascimento explica a necessidade de se compreender as diferenças entre essas duas práticas, para que não haja uma percepção homogênea dos princípios de cada uma. Nesse sentido, entende-se por troca um ato comum nas

relações de mercado, tendo por último fim o lucro, enquanto que a reciprocidade articula os indivíduos que estão naquela ação, mesmo depois das atividades, ou seja, há, nessa prática, laços de afeto e subjetividade que transcendem o mundo material.

Após realizar os devidos esclarecimentos sobre essas práticas, Nascimento (2019) discorre sobre o arcabouço teórico que sustenta a teoria da reciprocidade. Seguindo a linha dos clássicos como Malinowski (1976), Mauss (2003), Lévi-Strauss (1976) e Lupasco (1951), ele discute os primeiros desdobramentos sobre dádivas recíprocas trabalhadas por esses autores, perpassando também, ao longo da análise, pelas contribuições mais contemporâneas desenvolvidas em Chabal (2005), Sabourin (2009) e Temple (2009).

Embora Nascimento (2019) não tenha escolhido uma única corrente teórica para desenvolver seu trabalho científico, ele realiza uma discussão completa sobre o tema, oferecendo-nos um quadro de análise profunda sobre a presença dos laços de reciprocidade dentro da comunidade pesqueira que estudou. As discussões teóricas desenvolvidas no início do livro trouxeram uma análise sobre como a lógica capitalista de mercado não conseguiu se sobressair em todos os tipos de sociedade, deixando em evidência que ainda há grupos que desenvolvem suas relações mercantis tendo por base de sustentação os princípios da reciprocidade, como é o caso da comunidade da Ilha do mel.

Os conceitos de troca e reciprocidade são os mecanismos centrais utilizados por Nascimento (2019) para a interpretação das relações mercantis na Ilha de mel, região localizada no litoral do Paraná. O aprofundamento que Evandro oferece em seu trabalho, ajuda-nos a compreender de que maneira a comunidade articula e materializa as práticas da troca e da reciprocidade em seu território, em períodos climáticos distintos ao longo do ano.

A Ilha do mel, como um território pesqueiro, configura um lugar de muita interdisciplinaridade, um espaço político por ser motivo de reivindicações sociais e coletivas; econômico por ter

intervenções empresariais na área do turismo; cultural devido à (re)produção de modos de vida artesanais na pesca, representada pelos caiçaras, e, por fim, natural/ambiental, tanto pela retirada de determinados recursos como pela proteção de algumas áreas.

Após essas pontuações, Nascimento (2019) menciona que o turismo e a pesca da tainha são atividades que movimentam distintamente o calendário da comunidade, e que o objetivo de sua obra foi justamente apresentar o cotidiano dos pescadores de tainha no que diz respeito à troca e à reciprocidade durante o verão e o inverno — períodos que tornam visíveis as relações mercantis.

A população que habita a Ilha do mel é dividida em três categorias: os nativos (filhos de moradores antigos), os de “fora” (empresários do turismo) e os turistas (pessoas que ocupam de modo temporário a ilha). É a partir dessa compreensão sobre o território, o calendário que direciona as atividades da comunidade e os indivíduos que habitam a região, que Nascimento (2020) desenvolve a análise das relações de troca e reciprocidade no cenário do turismo e da pesca da tainha.

A temporada do turismo, que ocorre durante o verão, promove na Ilha do mel um processo de dominação mercantil. Tal fenômeno, embora seja protagonizado pelos empresários que moram fora da comunidade, também conta com a mobilização dos nativos, que utilizam dessas relações de troca para comercializar serviços, pescados, artesanatos entre outros produtos. Cabe destacar, que o termo “dominação” utilizado nesta resenha serve principalmente para caracterizar o clima de lucratividade incorporado no território pesqueiro.

Esse primeiro momento caracteriza um fenômeno em que a reciprocidade não existe, e as relações mercantis giram em torno do capital empresarial. Isso ocorre devido à ausência de relações subjetivas com esses “estranhos” que ocupam momentaneamente a comunidade. Durante o inverno, o fenômeno muda, pois não há turistas ocupando a Ilha do mel no período de chuvas, ou

seja, o público predominante, são caiçaras, filhos dos pescadores, vizinhos, amigos etc. que, por meio dos laços de reciprocidade, desenvolvem coletivamente atividades de captura pesqueira, cujo fim é o estreitamento dos laços entre eles.

A temporada da pesca da tainha dura cerca de três meses, chegando ao seu clímax nos meses de junho e julho. Na Ilha do mel, a corrida da tainha é aguardada com paciência pelos pescadores e pescadoras, que realizam a captura dos peixes de duas formas — os lanços e as camboadas —, e cada uma exige instrumentos e recursos humanos distintos. O lanço é a forma que a comunidade utiliza com mais frequência para a pesca da tainha, e nele são utilizadas redes de arrasto/cambau como instrumento principal, além das embarcações que irão ao mar.

As relações de reciprocidade protagonizam a economia da pesca da tainha na Ilha do mel, mobilizando afeto, compadrios, amizade e respeito entre todos os envolvidos no processo de captura dos peixes. Nascimento (2019) descreve com detalhes enriquecedores como a participação da comunidade é algo que potencializa as relações mercantis e, em simultâneo, fortalecem as dádivas recíprocas. Cabe destacar que a tripulação que realiza a pescaria é composta tradicionalmente por pessoas da mesma família, com a contribuição de amigos e vizinhos no processo pós-captura. No caso da tainha, por exemplo, mulheres e crianças esperam na praia o retorno dos pescadores para ajudar a desembarcar o pescado e travar o barco.

A pesca da tainha é um trabalho coletivo e que mobiliza todos da comunidade. No processo de captura, vão para o mar cerca de seis pescadores, divididos em três grupos: quatro primeiros se dividem em duas embarcações, e dois últimos ajudam a esticar a malha da rede na praia. Conforme a embarcação vai se afastando, cada pescador contribui com seus conhecimentos. Os pescadores mais velhos, por terem mais experiência, articulam o processo com mais propriedade, e os mais jovens desenvolvem as atividades de captura conforme seus saberes. Após todo o

processo de locomoção e articulação técnica que resulta na captura dos pescados, os barcos retornam à praia e, com a ajuda das crianças e mulheres que estão no aguardo, eles desembocam na areia o montante de tainha que conseguiram.

Para a divisão dos peixes, há um processo na Ilha do mel denominado de o terço e os quinhões. Por exemplo, um montante de 100 tainhas é dividido da seguinte maneira: divide-se o total de peixes em três partes, uma das partes, chamada de “o terço da rede”, cabe ao dono da rede; os outros dois terços são separados em quinhões, que, segundo o autor, significam “parte de um todo” e serão distribuídos igualmente para cada participante do processo de captura do pescado.

Após a discussão sobre todo o processo minucioso da captura da tainha, é possível analisar como os laços de reciprocidade mobilizam uma economia substantiva na comunidade pesqueira da Ilha do mel. Os pescadores respeitam, unânimes, a distribuição do rendimento do pescado, e isso se dá devido aos laços de pertencimento e identidade que são constantemente fortalecidos com as relações de compadrios, respeito e afeto articulados às dádivas recíprocas.

O lanço, o terço e os quinhões é um presente para as ciências sociais, especificamente para a antropologia, que ganha, com o trabalho investigativo do autor, a possibilidade de pensar futuramente em novos eixos de pesquisa — quem sabe uma antropologia essencialmente pesqueira. Do mesmo modo, a área da sociologia da pesca, que teria trabalhos de uma vasta riqueza ao analisar com profundidade os conflitos que cercam territórios como esse da Ilha do mel. Nesse sentido, a obra além de apresentar um objeto de estudo bastante original e enriquecedor, do ponto de vista qualitativo, oferece um fenômeno social de muita complexidade e qualidade científica.

REFERÊNCIAS

CHABAL, M. Les structures élémentaires de réciprocité. *In: Conference-Débat*, 2005, Cauris. Disponível em: <http://afrique.cauris.free.fr/conferences.html>. Acesso em: 10 set. 2022.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Editora Vozes; São Paulo: EDUSP, 1976.

LUPASCO, S. *Le principe d'antagonisme et la logique de l'énergie*. Paris: Herman, 1951.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ubu Editora, 1976.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In: Mauss, M. Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 183-294.

SABOURIN, E. *Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

TEMPLE, D. As origens antropológicas da reciprocidade. Tradução: Eric Sabourin. *Jornal do Mauss*, 2009. Disponível em: http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocidad_2&id_article=292. Acesso em: 10 set. 2022.

KETHELEEN VIEIRA — Licenciada em Ciências sociais pela (UFPE) e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (PPGS/UFS). E-mail: ketheleen-vieira2057@gmail.com